

## Almanaques de Cordel: um estudo sobre o “O Seringador” e o “Borda d’Água”<sup>1</sup>

*Sonia Regina Soares da Cunha<sup>2</sup>  
Maria Isabel Amphilo<sup>3</sup>*

### RESUMO

A contribuição deste estudo é trazer o almanaque de cordel para o espaço dialógico interdisciplinar dos estudos culturais e comunicacionais. Este artigo revisa a história do almanaque, cuja narrativa mescla saber científico e saber popular, artefato da cultura com os pés na tradicionalidade do homem do campo e a cabeça na contemporaneidade do homem da cidade. O estudo historiográfico aliado à teoria da Folkcomunicação revelam as formas pelas quais as pessoas experienciam e dão sentido às práticas comunicacionais, distinguem o passado e identificam a cultura. Os almanaques portugueses, “O Seringador” e “O Borda D’Água” formam o corpus empírico: objeto folkcomunicacional, do gênero visual, formato impresso, tipo almanaque de cordel.

### PALAVRAS-CHAVES

Folkcomunicação; Almanaque de Cordel; Cultura Popular; O Seringador; O Borda D’Água.

## The Portuguese cordel almanacs: a study about “O Seringador” e o “Borda d’Água”

### ABSTRACT

he purpose of this study is to bring the almanac to the interdisciplinary dialogical space of cultural and communicational studies. This paper reviews the history of the almanac, a narrative that merges scientific knowledge and popular lore, a cultural artifact with one side in

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Ibercom – Folkcomunicação, no XIV Congresso Internacional IBERCOM, na Universidade de São Paulo, São Paulo, de 29 de março a 2 de abril de 2015.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, mestre em Estudos de Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<sup>3</sup> Mestre e doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, com Doutorado sanduíche na Universidad Nacional Autónoma de Mexico (UNAM) e pós-doutorado na Escola de Comunicações e Artes (2015), da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é pós-doutoranda na Universidade Metodista de São Paulo (Cátedra Unesco/UMESP).

the traditionalism and another in the contemporary world. The historiographical study combined with the theory of Folk Communication reveals the ways in which people experience and give meaning to the communication practices, distinguish the past and identify their culture. The Portuguese almanacs, "O Seringador" and "O Borda d'Água" are the empirical corpus: object folk comunicacional: visual, printed, almanac.

## KEY-WORDS

Folk Communication; Cordel Almanac; Culture; O Seringador; O Borda D'Água.

## Introdução

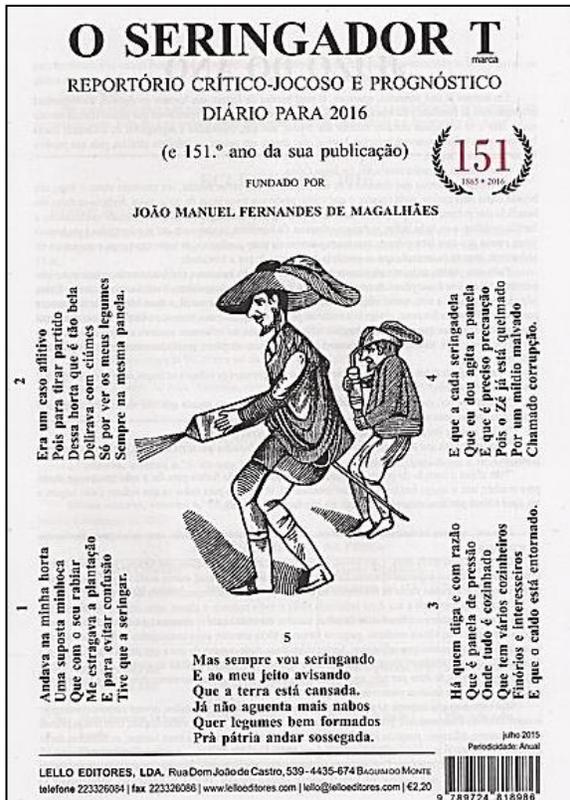
*Depois de tudo o que pode ser obtido a partir do desenvolvimento científico vê-se que há uma grande lacuna no coração das coisas, uma lacuna esperando para ser preenchida pelas ideias, crenças, concepções e aspirações do povo que foram traduzidos para ele, mas não por ele.*  
Gomme, 1908.<sup>4</sup>

Estamos em Portugal. Na estação de comboios de Campanhã, no Porto, onde se cruzam os que vêm da capital com os que vão, ou não, para o sul, ou norte, montanhas ou praia. Urbanos trabalhadores, cosmopolitas globais, rurais empreendedores, enfim, gente de todas as idades e classes sociais. Depois de atravessar o saguão da bilheteria, ao sair para a rua, a saudação em algaravia emana dos prédios antigos cuja arquitetura delicada foi desenhada há tempos, à mão, luz de candeeiro, grafite; e hoje, apesar da imponência, disputa espaço com as modernas falsas fachadas e os varais de roupas coloridas que esvoaçam como bandeirolas ao vento espalhando a portugalidade da eclética mistura dos diferentes tão iguais, permitindo-nos vislumbrar um pouco da imensa diversidade cultural lusófona. O visitante pode, então, caminhar com Pinto Bessa, andar com Padre Vieira e marchar pela Heroísmo<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Gomme, G.L. *Folklore as an Historical Science*. London: Methuen, 1908.

<sup>5</sup> Ao sair no Largo da Estação de Campanhã, logo em frente, começa a Rua Pinto Bessa, que sobe para a Igreja do Bonfim, mas antes, pode-se entrar à esquerda na Rua Padre Antonio Vieira (fundador do espírito lusófono no século 17), para logo, em seguida, dobrar à direita na Rua Heroísmo e espreitar o quotidiano através das montras. (Na Rua Heroísmo ficava o Pide, o Dops/Doi-Codi de Portugal).



Aqui e ali, sentir o aroma adocicado dos pastéis de Belém, saborear bolinhos de bacalhau, demorar contemplativamente em frente às vitrines das ourivesarias, que mais parecem museus, com pequenas relíquias feitas em filigrana dourado reluzente e avançar pela porta estreita do estabelecimento, que abriga um misto de livraria, jornaleiro, lojinha; onde parece haver de tudo um pouco, até um opúsculo, em preto e branco, a atrair a clientela pela frase na capa: “150º ano da sua publicação”, e em tinta vermelha: “1865\*2015”, conhecido como o almanaque “O Seringador”. Sem resvalar no dilema contemporâneo, sobre o

lugar do impresso na cultura digital, propomos a seguinte questão epistemológica para o estudo: como é possível seduzir essa massa de leitores portugueses por 151 anos, sobreviver às guerras, ditadura salazarista e, agora, à troika<sup>6</sup>?

### Almanaque: “pura emoção intelectual”

*Ó menina vai ver nesse almanaque como é que isso tudo começou? Diz quem é que marcava o tique-taque e a ampulheta do tempo disparou? Se é chover o ano inteiro chuva fina ou se é como cair o elevador? Chico Buarque, letra da música Almanaque, 1981.*

<sup>6</sup> Em Portugal, a palavra ‘troika’ (do russo “troika”, que significa um comité formado por três membros) caracteriza a equipe composta pela Comissão Europeia, o Banco Central Europeu (BCE) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Foi a ‘troika’ que avaliou as contas de Portugal para definir as necessidades de financiamento, bem como foi responsável pelas negociações do resgate financeiro na Grécia, no Chipre, e na Irlanda.

Em Portugal, tanto “O Seringador” (150 anos de publicação ininterrupta), quanto “O Borda D’Água” (86 anos ininterruptos), não possuem versão online, embora em uma pesquisa rápida pela internet seja possível encontrar versões digitalizadas (sem autorização das editoras), bem como apareçam em blogues, redes sociais e em reportagens feitas para jornais diários. José Manuel Lello dirige a equipe de cinco pessoas que há três décadas produz a edição anual do almanaque “O Seringador” publicado pela Lello Editores, em Baguim do Monte<sup>7</sup>. Os dados das previsões metereológicas são fornecidos pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera. Lello (2014) define o almanaque como um “livreto com versos críticos e anedotas”; além de informações úteis sobre as feiras, calendários, santos, dias, feriados, com conselhos para a agricultura e outras informações.



O concorrente “Borda d’Água” também trabalha na mesma linha, com o diferencial de apresentar interpretações baseadas em relatórios científicos do Observatório Astronômico da Ajuda<sup>8</sup>. Em 2009, durante uma entrevista para a jornalista Kátia Catulo, a diretora do “Borda d’Água”, Célia Cadete explicou que o almanaque nasceu no início da Grande Depressão (1929), atravessou o regime salazarista e chegou à democracia. Desde a fundação mantém a mesma linha editorial e é impresso em uma tipografia tradicional. Os dois almanaques são comercializados por vendedores de ruas nas pequenas aldeias, em lojinhas de comércio popular dos bairros periféricos, e até em livrarias dos grandes shoppings. De acordo com as informações das editoras, calcula-se que cada um alcance cerca de 300 mil exemplares vendidos anualmente ao preço unitário de dois euros (cerca de seis reais). Os sujeitos ‘seringador’ e ‘borda d’água’ estão presentes nas ações e manifestações culturais das classes populares portuguesas, pois representam uma antiga personagem que imprimia calendários

<sup>7</sup> Baguim do Monte (Rio Tinto) foi criada em 1985. É uma freguesia do concelho de Gondomar município da área metropolitana do Porto, na região Norte de Portugal.

<sup>8</sup> Observatório Astronômico de Lisboa do Museu da Universidade de Lisboa. <http://oal.ul.pt/>

(“Lunários”) com informações sobre o tempo/pesca/agricultura/astrologia e pendurava as folhinhas impressas nas margens dos rios navegáveis, com o objetivo de ajudar o trabalho dos pescadores e agricultores. O jornalista brasileiro e pesquisador, Luiz Beltrão, autor da teoria da Folkcomunicação, dedicou-se ao estudo dos almanaques e escreveu que este objeto comunicacional foi criado para

transmitir coisas simples e úteis, visando ao bem-estar do homem, preveni-lo contra adversidades, anunciar-lhe bons tempos para o plantio, para a colheita, para os empreendimentos, contar-lhe os segredos dos astros, os mistérios contidos nos velhos alfarrábios, as lendas e os fatos do passado, as ocorrências do presente, alguma coisa segura sobre o futuro à base da marcha da ciência. (BELTRÃO, 2001, p.195)

O “Seringador” e o “Borda d’Água” serão considerados neste estudo, como almanaques de cordel, no sentido de “objeto folkcomunicação” (BELTRÃO, 2001; MARQUES DE MELO, 2005). A proximidade do formato e conteúdo com a literatura de cordel contribuiu para o almanaque, também, ser considerado de cordel.

Assim como a literatura de cordel, os almanaques são impressos no formato de 8, 16, ou 32 páginas, em papel jornal, no tamanho de 11x13 cm, com ilustrações na primeira capa (algumas em xilogravura). (ALVES DE MELO, 2011, p.115).

No Brasil, os almanaques mais conhecidos são os de farmácia, de curiosidades, cujo conteúdo entretia e divertia o leitor. Para o cronista Rubem Braga (1964) a cultura do almanaque explora o lado das coisas simples da cultura, fato que para alguns, segundo o autor, pode não valer nada, mas isto seria porque estas pessoas “não são capazes de sentir a pequena e pura emoção intelectual que dá em saber que os cocóis são cabeças de madeira pregados nos alcatrates”. E observa sutilmente, que no final do dia, com “a consciência tranquila de quem fez algo útil” é possível que o conteúdo da leitura do almanaque se transforme em sonhos. Braga encerra a crônica a ponderar cautelosamente, que os sonhos são secretos. “Não, não devo contar meus sonhos. Fazei como eu, isto é, fazei cultura.” (BRAGA, 1997).

Em 1890, Machado de Assis já antecipava descrever o almanaque de uma forma especial:

o tempo inventou o almanaque; compôs um simples livro, seco, sem margens, sem nada; tão somente os dias, as semanas, os meses, os anos. Um dia, ao amanhecer, toda a terra viu cair do céu uma chuva de folhetos; creram a princípio que era geada de nova espécie, depois, vendo que não, correram todos assustados; afinal, um mais animoso pegou de um dos folhetos, outros fizeram a mesma coisa, leram e entenderam. O almanaque trazia a língua das cidades e dos campos em que caía. Assim toda a terra possuiu, no mesmo instante, os primeiros almanaques. [...] O tempo criou o almanaque para que as pessoas pudessem compreendê-lo; e que a montagem das páginas é feita pela esperança com figuras, versos, contos, anedotas. (MACHADO DE ASSIS, 1890, s/p.).

Ariano Suassuna, fundador do Movimento Armorial, que tinha por objetivo fomentar uma arte erudita brasileira, passou a escrever um almanaque no espaço online da Folha de São Paulo, a partir de 10 de julho de 2000, o “Almanaque Armorial Brasileiro”. Semanalmente, Suassuna desenvolvia uma ideia, tirada das cartas dos leitores, ou das histórias que havia escrito. O objetivo, segundo o escritor, era “dar um sentido a minha vida [dele]”.

O almanaque como gênero, recusa-se àquelas friezas intelectuais, cebralistas e isoladoras, e é, no mundo contemporâneo, um dos últimos herdeiros do humanismo; da posição daqueles que procuravam ser fiéis, ao mesmo tempo, ao conhecimento e à beleza; à filosofia e à poesia; à ciência e à arte; ao claro real e ao enigma sombrio; ao cotidiano e ao sonho; a tudo o que se entrega à reflexão consciente, mas também ao que nos inquieta nas escuras profundezas do inconsciente. (SUASSUNA, 2008, posfácio).

Em tempos de cultura digital, o almanaque também pode ser um aliado para desvendar os segredos da agricultura no ciberespaço, como observa Blanchard, com relação ao jogo pela internet, “Farmville” da Zynga, que era disponibilizado pela rede social Facebook.

Ah! pois, agora sim percebi porque razão não consegui vingar no “Farmville”. Nem boas colheitas, nem água em abundância, sementeiras descuidadas e os subsídios que não chegaram, enfim tudo isso porque nem eu nem ninguém utiliza um bem primário para a agricultura: o almanaque “Borda D’Água”. (BLANCHARD, online)<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> <http://blogarmado.blogspot.com.br>

O blog "Largo dos Correios" publicou que o "Borda D'Água" é considerado o melhor almanaque de cordel em língua portuguesa, valorizando a portugalidade e reforçando a identidade cultural lusófona.

O Borda d'Água, almanaque lusitano que se publica desde 1929, continua a sua tradicional missão, seguindo uma linha editorial que lhe garante a condição de best-seller nacional. Quem queira aí colher prognósticos para o ano, conselhos práticos assentes na sabedoria nacional, previsões meteorológicas imensamente avançadas em relação às oficiais (e às vezes tão acertadas como estas!) provérbios agrícolas, calendários de feiras e romarias, fases da Lua e horários de marés, efemérides e outras indicações da máxima importância social e cívica, dirija-se com urgência às suas páginas. (L.Correios)<sup>10</sup>

Tabela 1: Quadro descritivo/comparativo dos almanaques Seringador e Borda D'Água (CUNHA, 2015)

<b>Título</b>	<b>Borda D'Água</b>	<b>O Seringador</b>
Nome Completo	O Verdadeiro Almanaque Borda d'Água	O Seringador T (marca)
Editora	Editorial Minerva	Lello Editores, Lda.
Endereço	R.Luz Soriano, 31-33 Lisboa	R.D.João Castro, 539 Baguim do Monte
Telefone	21 346 8288	22 332 6084
Preço de Capa	2 Euros (~6 Reais)	2 Euros (~6 Reais)
Periodicidade	Anual	Anual
Ano de Fundação	1929	1865
Descrição	Reportório útil a toda a gente. Contendo todos os dados astronómicos e religiosos e muitas indicações úteis de interesse geral	Reportório crítico-jocoso e prognóstico diário para 2015
Fundador		João Manuel Fernandes de Magalhães
Tamanho	A3 dobrado em quatro partes (vendido dobrado sem cortes)	A3 dobrado em quatro partes (vendido cortado, montado e grampeado)
Diretor	Célia Cadete	José Manuel Pereira de Lello
ISBN	972-951-310-8	978-972-48-1897-9
Figura de Capa	homem de fraque, cartola, óculos e guarda-chuva	homem chapéu de mosqueteiro, espada e seringa
Significado Dicionário	calendário; astrólogo popular	almanaque popular (Norte Mondego); maçador, importuno
Editorial	pg. 2	pg. 2
Total de páginas	24	32
Fases da Lua (quadro)	pg. 15	pg. 4
Feriados e Festividades	pg. 2	pg. 4
Visibilidade dos Planetas	pg. 18	pg. 5
Eclipses	pg. 17	pg. 3
Influência da Lua na pesca		pg. 3
Feiras, Festas e Mercados	pg. 20-23	pg. 6-12

<sup>10</sup> <https://largodoscorreios.wordpress.com/2015/01/01/2015-juizo-do-ano-e-um-ano-com-juizo>

Previsão Mensal	santos do dia; astrologia e agricultura (mês)	santos do dia; astrologia e poema (mês)
Crônica	Juízo do Ano (p.24)	Conversa da Tia Brízida com o Seringador (p.31-32)
Tabela das Enchentes	pg. 15	
Anúncio	pg. 15 (produto da própria editora)	
Sugestões/Dicas	pg. 18-19 Higienização dos dentes. Limão. Dos excessos agrícolas.	

### **O intercâmbio de informações por meio de agentes ligados através do folclore**

“Nenhuma disciplina de investigação humana imobilizou-se nos limites impostos, quando do seu nascimento”, segundo Câmara Cascudo (s/d. p.401), “qualquer objeto que se projete de interesse humano, além de sua finalidade imediata, material e lógica, é folclórico” (grifo nosso). Gitelman (2006, p.1) esclarece que a historiografia oportuniza a observação do processo de desenvolvimento das práticas sociais comunicacionais, como objetos históricos, dando a conhecer o processo da história dos media; mas que também permite estudar as formas pelas quais as pessoas experienciam e dão sentido aos produtos comunicacionais, bem como analisar de que maneira eles percebem o mundo e se comunicam uns com os outros, e como distinguem o passado e identificam a cultura. Segundo Berg e Lune (2012, p. 305) a historiografia qualitativa permite ao pesquisador recapturar complexas nuances, de pessoas, significados, eventos, e até ideias do passado que possam ter influenciado, ou moldado o presente. A tradicionalidade está na essência da manifestação de um objeto folkcomunicação, como esclarece Oliveira Lima:

a tradicionalidade é entendida como uma continuidade, na qual os fatos novos são desenvolvidos sobre o passado, sem causar uma ruptura nesse, como por meio de uma nova interpretação ou da agregação de novos elementos aos fatos folclóricos. (LIMA et al., 2013, p.99).

Assim, buscamos compreender a história do almanaque impresso, para mostrar como esta publicação foi moldada pela imposição do gosto de quem detinha o poder do capital econômico – os donos das impressoras – financiados pelos agentes sociais, que assinavam e se comprometiam em adquirir aquela produção simbólica. Schüking (1966) observa que foi no

século XVIII que os donos das editoras começaram a depender das assinaturas dos leitores para poder ter recursos para pagar os autores, escolhidos por eles, cuja escolha variava conforme as relações sociais entre eles. Para ilustrar Schüking (1966) cita Dodsley na Inglaterra, e reflete que esse fato teria ajudado a determinar a tendência do gosto, como conceituado em Pierre Bourdieu, na obra “A Distinção” (2007). O almanaque era um misto de saber científico e saber popular, um artefato cultural, que contava com o aval da Igreja e da coroa, em especial durante a era dos descobrimentos. A investigação tem como corpus empírico os almanaques portugueses, “O Seringador” e “O Borda D’Água”, considerados “objetos folkcomunicacional, do gênero visual, formato impresso, tipo almanaque de cordel” (MARQUES DE MELO, 2005).

Em seu estudo, Beltrão (2004, p.47) evidencia que a Folkcomunicação fornece ao investigador uma linha de pesquisa capaz de iluminar “o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, por intermédio de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore.” Interessa-nos, portanto, revisar os históricos caminhos da permanência, de uma publicação impressa do século XIX, em Portugal, elaborada para atender às necessidades da população rural e que, em pleno século XXI, mantém a mesma apresentação de formato, bem como, praticamente, as mesmas diretrizes do conteúdo textual há 150 anos, e apesar de seguir na contramão do avanço tecnológico, continua a fazer sucesso, totalizando vendas de mais de 300 mil exemplares por ano.

Para efeito de validação da investigação, o objeto folkcomunicacional – “almanaque de cordel” (BENJAMIN, 1999) — será considerado como “patrimônio documental” (LAGE, 2002) pela dimensão cultural e informacional.

O Patrimônio Documental reclama como todas as modalidades categorizadas de Patrimônio a que sempre subjaz, medidas de defesa genéricas que vão desde a promoção do seu conhecimento, o incremento da sua pesquisa e levantamento, inventariação e classificação, a formação do e para o uso, educação e promoção para a tomada de consciência e utilização como renovação de ações educativas.” [...] Como exemplo cita-se “Populações agrárias do Portugal rural –

[os almanaques] O Borda d'Água ou O Seringador "Seringa o pobre, o rico e o lavrador...". (LAGE, 2002, p. 16).

Joseph Luyten (1988) esclarece que, para expressar seus pensamentos, religiosidade e cultura, o povo recorre a "formas de apresentação de comunicação popular: oral, escrita, gestual e plástica". (LUYTEN, 1988). O autor, também, explica que o almanaque faz parte de um "sistema de comunicação popular", que agrada "o homem do povo" (LUYTEN, 2001). Para o pesquisador Roberto Benjamin (1999) o almanaque atrai o leitor popular pelas previsões certas muitas vezes baseadas no saber do povo.

Utilizando-se das tabelas do Lunário, os poetas populares elaboram seus almanaques e ganham a reputação de conhecedores dos segredos dos astros, sem nunca haverem realizado observações sobre a órbita celeste ou deterem conhecimentos astronômicos. (BENJAMIN, 1999, p.3).

Embora a pesquisa acadêmica lusófona, dos dois lados do Atlântico, registre importantes trabalhos sobre os almanaques, ressaltamos a realização do "Colóquio Internacional Almanaque" realizado na Universidade de Campinas, São Paulo, em 1999, como o primeiro a adotar o tema "Os almanaques Populares: Da Europa à América - Gênero, Circulação e Relações Interculturais", cuja inspiração veio da França, "Les Almanachs Populaires en Europe et dans lês Amériques (XVII-XIX)", realizado um ano antes (1998) na Universidade de Versailles, em Saint-Quentin-en-Yvelines, contando com a participação do pesquisador Roberto Benjamin, que apresentou a comunicação "Almanaques de Cordel: informação e educação do povo"; bem como, com a participação da pesquisadora, Jerusa Pires Ferreira, uma das organizadoras do evento.

Tendo participado do colóquio francês e entendendo juntamente com o Paulo Micelli a importância de tudo isto para uma avaliação da cultura brasileira, resolvemos fazer a réplica daquele colóquio no Brasil, apresentando a riqueza de nossa experiência, levando em conta a riqueza dos materiais que possuímos, e podendo contar com a participação de vários pesquisadores de nosso país. (FERREIRA, 2001, p.21).

O colóquio realizou uma exposição histórica sobre almanaques do Brasil e do mundo, no Memorial da América Latina, na capital paulista, organizada por Marlyse Meyer; bem como, as comunicações dos pesquisadores brasileiros buscaram tratar dos almanaques em

quase toda a sua totalidade, primando pela diversidade do objeto-tema, desde “os de Farmácia àqueles mais gerais [...] passando pelos que concentraram experiências étnicas e regionais, dos artesanais sertanejos aos mais sofisticados, aos que herdamos de Portugal.” (FERREIRA, 2001, p.22). Além dos estudiosos brasileiros, o evento contou com a presença de um grupo de pesquisadores internacionais, com destaque para um dos maiores especialistas franceses da história do livro, Jean-Yves Mollier.

### **Almanaque de cordel: o segredo está na escrita torta por entrelinhas incertas**

O primeiro registro de almanaque feito em Portugal data de 1390, durante o reinado de D. João I de Aragão. Bensaúde (1912, p.45) ressalta a importância histórica desse almanaque, em especial para a ciência náutica: “84 anos antes da publicação das “Efemérides” o rei de Portugal distribuiu um almanaque que calculava dia a dia, por três anos, a posição dos astros no céu.” O almanaque astronômico/astrológico era o instrumento que permitiria conhecer a configuração do céu e das estrelas, uma ferramenta capaz de habilitar os capitães das caravelas para compor o traçado cartográfico das viagens marítimas com destino ao novo mundo. Fato comprovado a partir de 1497, através do “Almanach Perpetuum” – elaborado por Abraham bar Samuel Abraham Zacut<sup>11</sup> – cujas tábuas permitiam ao navegador determinar, com relativa precisão, a posição do Sol na órbita da Terra e, conforme o valor da declinação do Sol, possibilitava ainda o cálculo da latitude. Naquela época não havia diferenciação entre astrônomo e astrólogo, pois ambos tratavam da ciência celestial; entretanto, na atualidade, estas designações ganharam contornos distintos, a saber, um se tornou cientista e o outro adivinhador.

In his monumental studies on the history of science, Pierre Duhem (1908) chose to promote two different kinds of practitioners of celestial science, labelling

---

<sup>11</sup> Abraão Zacuto, era um judeu refugiado em Portugal quando do decreto de Castela e Aragão, feito pelos reis católicos, Isabel e Fernando. O almanaque redigido por Zacuto, originalmente estava em hebraico “Hajibur Hagadol” e continha diversas tabelas astronômicas, que muito contribuíram para a evolução da ciência náutica. O almanaque teve tradução para o latim e depois para espanhol pelo aluno de Zacuto, o médico José Vizinho, que atuou na corte de D.João II, tendo sido publicado em Leiria em 1496.

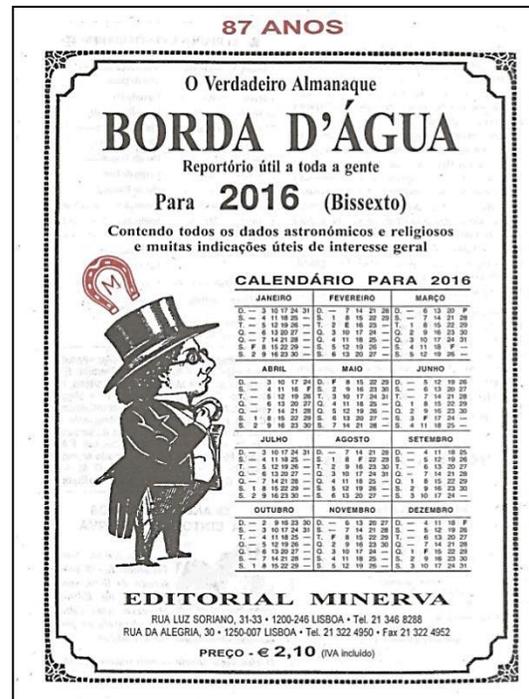
them either 'astronomes' or 'physiciens'. The traditional 'astrologer', meanwhile, was restricted to superstitious astrology. (LOSEV, 2012, p.42).<sup>12</sup>

O fascínio pelo desconhecido, tanto no céu, quanto no mar, levou e leva a humanidade a buscar conhecimento para desvendar o que vai acontecer no futuro. Assim, o almanaque 'astrológico' com seu texto curto, muitas vezes em forma de verso e prosa, profético, como se fossem 'mensagens dos deuses', e com o 'aval' da Igreja, pois glorifica o Santo do dia, parece ter sido elaborado na medida certa para facilitar a leitura e seduzir o leitor.

Graças aos mapas dos céus e das estrelas os colonizadores portugueses, espanhóis e britânicos atravessaram o Atlântico e conquistaram outros continentes. Na bagagem, além das armas e munições, também levaram os almanaques. O pesquisador norte americano Patrick Spero publicou em 2010 o estudo "A revolução das publicações populares: o almanaque, 1750-1800", onde revela que durante o colonialismo, apenas os sermões religiosos e ensaios políticos, publicações feitas no Reino Unido e que rendiam algum dinheiro, conseguiam chegar até América do Norte.

Entretanto, foi nesse momento que a natureza utilitarista do conteúdo do almanaque tornou-o um produto competitivo e com intensa demanda pelo mercado consumidor da época formado por agricultores que precisavam saber os horários da aurora e do ocaso do Sol; pescadores

e navegadores que se utilizavam da tábua das marés; organizadores de eventos e comerciantes que se guiavam pelo calendário de feiras comerciais, dias santificados, datas



<sup>12</sup> "Nos estudos sobre a história da ciência Pierre Duhem (1908) promoveu a diferenciação entre os praticantes da ciência celestial rotulando-os de 'astrônomo' ou 'físico'. O 'astrólogo', por sua vez, ficou restrito a astrologia (superstição)." (Tradução nossa).

importantes; e, proprietários e administradores dos povoados que precisavam saber com exatidão o dia e o local onde os tribunais se reuniram para elaboração de decretos, tomadas de decisões legais e julgamentos. Embora houvesse uma grande profusão de dados, as informações em geral, obtidas a partir de dados da ciência celestial, ou através das autoridades nomeadas pela corte, não acarretavam custos aos editores. Spero (2010) acrescenta que as previsões do tempo e, principalmente, as previsões astrológicas podem ter desempenhado um papel relevante na disseminação do almanaque. Sob a bandeira do colonialismo, o almanaque se transformou no produto mais rentável das editoras britânicas, o que acelerou o envio de máquinas impressoras para a América do Norte. Uma dessas impressoras foi utilizada por Benjamin Franklin, que revelou em sua autobiografia<sup>13</sup> ter publicado e ganhado um bom dinheiro, sob o pseudônimo de Richard Saunders, com o almanaque “Poor Richard’s Almanack”, uma cópia do “Poor Robin’ Almanack”, bastante popular no Reino Unido.

Sobre a contribuição dos alemães, David Kronick (2004) destaca o nome de Christian Gottfried Gruner, autor do “Almanach für Aerzte und Nicvhtaerzte”, dedicado à Medicina Popular<sup>14</sup>, publicado em Jena, em quinze volumes, entre 1782 e 1796. Mas, o que chama a atenção no estudo de Kronick (2004) é o fato dele associar o almanaque ao jornal, em especial, ao científico.

Almanacs are a genre of publication unto themselves, with a history and a tradition all their own. They appeared in vast numbers beginning almost with the very origins of printing. With the introduction of the scientific-technical periodical, some of the almanacs began to assume some of the characteristics of these new publications. A number of these titles that can be defined as almanacs either in name or in nature and that are of interest to the historian of science and technology can be found in this period. [...] In the seventeenth and eighteenth centuries, these publications were also likely to include original contributions, meteorological and other data, and news. Many of them were of a popular character, addressed to artisans and other special groups. Although they may not contain much significant new information, they do provide important indications of the social and intellectual impact of science and

<sup>13</sup> Franklin, B. (1986). *The Autobiography and Other Writings*. New York: Ed. Ormond Seavey.

<sup>14</sup> Johann Samuel Ersch (1766-1828) publicou o *Handbuch der deutschen Literatur seit der Mitte der 18. Jahrhunderts*, em oito volumes, de 1812 a 1814, que continha uma lista bibliográfica classificatória, por área de estudo científico. O almanaque de Gruner constava da seção de “Medicina Popular”.

technology in this period, and should not be ignored in any study of scientific and technical journalism. (KRONICK, 2004, p.64).<sup>15</sup>

E, talvez, tenha sido mesmo para preservar a ciência, ou melhor, para transmitir todo o saber da humanidade, que o primeiro almanaque teria sido escrito, por sábios, às vésperas do grande dilúvio e, numa pedra de granito, para toda eternidade. Essa descrição da origem do almanaque é de 1896, escrita por Eça de Queirós.

É que o Almanaque contém essas verdades iniciais que a Humanidade necessita saber, e constantemente rememorar, para que a sua existência, entre uma Natureza que lhe não é benévola, se mantenha, se prossiga toleravelmente. A essas verdades, a essas regras, chamam os Franceses, finos classificadores, verdades de Almanaque. [...] O homem tudo poderia ignorar, sem risco de perecer, excepto que o trigo se semeia em Março. E se os livros todos desaparecessem, bruscamente, e com eles todas as noções, e só restasse, da vasta aniquilação, um Almanaque isolado, a Civilização guiada pelas indicações genéricas, sobre a Religião, o Estado, a Lavoura, poderia continuar, sem esplendor, sem requinte, mas com fartura e com ordem. Por isso os homens se apressaram a arquivar essas verdades de Almanaque, - antes mesmo de fixar em livros duráveis as suas Leis, os seus Ritos, os seus Anais. [...] As datas, e só elas, dão verdadeira consistência à vida e à sua evolução. (QUEIRÓS apud ANASTÁCIO, 2012, p.54).

O calendário com as datas, os feriados e as luas, também é considerado muito útil pelos chineses. Palmer (1986) estudioso do “Tung Shu” (antigo almanaque chinês ainda hoje bastante consumido na China, inclusive online) nos explica que, seria um erro considerar que o conteúdo de um almanaque pode ser completamente entendido por todos os chineses, em especial, pelas pessoas simples da sociedade. Palmer (1986) revela que, para a maioria dos chineses, o almanaque é um livro fechado, aberto apenas para ser lido e interpretado por especialistas, quando a necessidade aparece, tal como casamento, funeral, viagem, abertura de um novo empreendimento, compra de uma casa, enfim. “O almanaque é uma força, um amuleto, um talismã de grande poder.” Além disso, o almanaque na China representa uma

---

<sup>15</sup> Almanaque é um gênero de publicação em si mesmo, com uma história e uma tradição próprias. Eles apareceram em grande número começando quase junto com a invenção da impressão. Com a introdução do periódico científico-técnico, alguns almanaques assumiram características dessas novas publicações. [...] Nos séculos XVII e XVIII, os almanaques também incluíam contribuições originais, dados meteorológicos e notícias. Muitos deles eram de caráter popular, dirigidos aos artesãos e outros grupos especiais. Embora o conteúdo não apresentasse informação nova e significativa, os almanaques forneciam pistas importantes sobre o impacto social e intelectual da ciência e da tecnologia naquele período, e não deve ser ignorado em qualquer estudo sobre jornalismo científico e técnico. (Tradução nossa).

parte do passado ancestral, da vida doméstica e da própria essência de ser de cada chinês, “para quem estar sem o almanaque do ano seria o mesmo que não estar vestido.” (PALMER, 1986, p.13).

## Considerações finais

*Só o almanaque verdadeiramente nos penetra na realidade da nossa existência, porque a circunscribe, a limita, a divide em talhões regulares, curtos, compreensíveis, fáceis de desejar e depois fáceis de recordar porque têm nome, e quase têm forma, e onde se vão depondo e vão ficando os factos da nossa feliz ou desgraçada História.*  
Eça de Queirós

Podemos considerar, que o almanaque na época de sua criação, em Portugal, foi moldado pela imposição do gosto de quem detinha o poder do capital econômico – os donos das impressoras – financiados pelos agentes sociais que assinavam e se comprometiam em adquirir aquela produção simbólica (BOURDIEU, 1984), que através do senso comum evocava a identidade lusófona, esteio de uma tradição cultural que seduz e perpassa gerações de portugueses.

The field of production and circulation of symbolic goods is defined as the system of objective relations among different instances, functionally defined by their role in the division of labour of production, reproduction and diffusion of symbolic goods. The field of production per se owes its own structure to the opposition between the field of restricted production as a system producing cultural goods (and the instruments for appropriating these goods) objectively destined for a public of producers of cultural goods, and the field of large-scale cultural production, specifically organized with a view to the production of cultural goods destined for non-producers of cultural goods, ‘the public at large’. (BOURDIEU, 1984, p. 4). (Grifos do autor).<sup>16</sup>

Partindo de Bourdieu, entendemos que o almanaque detém um lugar na produção cultural portuguesa. É uma produção simbólica, um bem cultural, produzido por editores

---

<sup>16</sup> O campo de produção e circulação de bens simbólicos é definido como o sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias, funcionalmente definido por seu papel na divisão do trabalho de produção, reprodução e difusão de bens simbólicos. O campo de produção em si deve sua própria estrutura à oposição, entre o campo da produção restrita, como sistema de produção de bens culturais (e os instrumentos de apropriação desses bens) objetivamente destinado a um público de produtores de bens culturais; e o campo de produção cultural em larga escala, especificamente organizada, tendo em vista a produção de bens culturais destinados aos não-produtores de bens culturais, “o público em geral”. (Tradução nossa).

independentes, que detém a produção cultural desse bem simbólico, elaborado em larga escala para o público lusófono. Almanaque, mercadoria cultural, bem simbólico, artefato impresso, cujo conteúdo mescla cultura popular, economia e política. Nas pequenas bibliotecas das casas dos colonizados, que viviam na América do Norte, na época da colonização, o almanaque, em geral, estava presente, junto com a Bíblia, conta Spero (2010), porque pelo senso comum era um bem simbólico, que evocava a identidade britânica. Pensar em um processo de compartilhar o conhecimento, como quem fortalece a identidade cultural, na perspectiva de uma lusofonia que compartilha os escritos, como uma forma de fortalecimento identitário.

O conceito de Lusofonia tem uma genealogia e uma história; remete para um conjunto de representações, umas que privilegiam idealizações, outras que o estigmatizam; tem servido aproveitamentos políticos e ambições económicas, do mesmo modo que alimenta proveitosas aproximações entre artistas, empresários e académicos. Espartilhada entre uma nostalgia lusocêntrica, que teima em sonhar impérios, e uma crítica pós-colonial, que procura plataformas de entendimento no presente e para o futuro, a Lusofonia parece prestar-se, por um lado, a equívocos e a simplificações, bem como, por outro lado, a formulações promotoras do diálogo intercultural. (MARTINS, CABECINHAS, MACEDO, 2014, p.6).

Embora no momento da investigação não tenha sido possível traçar uma análise comparativa entre o leitor de almanaque de Portugal e o leitor de almanaque do Brasil, em virtude do tempo e da estrutura socio-político-cultural distinta, consideramos oportuno recuperar a reflexão desenvolvida por Yuji Gushiken (2011), que revisa a formulação da teoria da Folkcomunicação. em meio ao processo de modernização socioeconômico e de desenvolvimento do capitalismo histórico do Brasil. O texto de Gushiken (2011) recupera a análise de Beltrão sobre o leitor do almanaque , considerado um “meio de expressão de caráter interpessoal e comunitário do folclore” (BELTRÃO, 2001, p.196).

Se por um lado a leitura de almanaques sugeria um país que saía, ainda que lentamente, das margens do analfabetismo, convém anotar que historicamente a produção desse leitor e espectador médio é que se tornou, ao longo da história da pesquisa em comunicação, pelo menos no Brasil, alvo de vários estudos sobre comunicação e ideologia que visaram, acima de tudo, demonstrar como essa versão liberal da democracia é que produziu, em outros momentos, o que os críticos chamam de “analfabetos funcionais” e “analfabetos políticos”, cujas condições socioeconômicas e culturais tornaram o jogo das desigualdades

sociais mais perverso para a imensa massa populacional enquadrada nessas categorias. (GUSHIKEN, 2011, online).

Dessa maneira, entendemos que, particularmente, o almanaque português tem característica de gênero utilitário, em virtude da sua funcionalidade de trazer informações úteis, através das sugestões de plantio, previsão do tempo, e indicações de feiras para comercialização de produtos agropecuários.

O almanaque de cordel, objeto de análise deste estudo, não carece da velocidade de transmissão, característica da rede cibernética, mas nem por isso a falta de imediatez, própria da informação consumida atualmente, o torna obsoleto, não porque ele seja atemporal, mas é um tempo que permite a representação fenomenológica de uma produção simbólica que se amolda ao gosto do leitor. O almanaque parece revelar ao leitor desprevenido o fluxo constante e renovador de uma tradição cultural, que permanece como um amálgama invisível, por onde circulam prosa, saber popular e conhecimento científico.

## Referências

ASSIS, Machado. Como se inventaram os almanaques. In: **Literatura Brasileira**. Textos literários em meio eletrônico. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/machadodeassis> Acesso em 5 Abr 2016.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. RS: Edipucrs. Volume 12 da Coleção Comunicação, 2001.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação**: Teoria e Metodologia. SBC: Umesp, 2004.

\_\_\_\_\_. **Almanaque de Cordel**: veículo de informação e educação do povo. In: Revista Comunicarte, Campinas, ano 1, 138. p. 81-96, dez. 1982.

BENSAÚDE, J. **L'Astronomie Nautique au Portugal a l'Époque des Grandes Découvertes**. Bern: uchhandlung von Max Drechsel, 1912.

BERG, B.L.; LUNE, H. What is historical research? In: **Qualitative Research Methods for the Social Sciences**. USA: Peachpit Press, 2012.

BLANCHARD, A. Almanaque Borda d'água. In: **Blog Armado**, 30 Mar 2010. Disponível em: <http://blogarmado.blogspot.com.br> Acesso em: 2 mar 2015

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. SP: Edusp; RS: Zouk. 560p, 2007.

\_\_\_\_\_. The Market of Symbolic Goods. In: **The Field of Cultural Production**: Essays on Art and Literature. Columbia University Press, 1984.

BRAGA, Ruben. Um cartão de Paris. RJ: Ed. Record, 1997.

BUARQUE DE HOLLANDA, Chico. **Almanaque**. Álbum musical. SP: Gravadora Ariola/Philips. MPB. Prod. Mazzola. LP, 1981.

CADETE, C. Borda d'Água. In: KATULO, K. Há 80 anos a prever o dia seguinte. Lisboa, **Diário de Notícias**. Edição de 5 janeiro de 2009. Disponível em: <http://www.dn.pt> Acesso em: 12 mar 2015

CAMARA CASCUDO, L. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. SP, s/d.

FERREIRA, Jerusa P. Almanaque. In: MEYER, M. **Do almanak aos almanaques**. SP: Ateliê Editorial. Fundação Memorial da América Latina. p. 19-22, 2001.

GITELMAN, L. Introduction: Media as Historical Subjects. In: **Always already new**: media, history and the data of culture. Cambridge, MA: MIT Press. Massachusetts Institute of Technology, 2006.

GUSHIKEN, Yuji. Folkcomunicação: Interpretação de Luiz Beltrão sobre a modernização brasileira. In: **Razón y Palabra**. 77, agosto/outubro, 2011. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx>. Acesso em: 2 fevereiro, 2015.

KRONICK, D.A. The Seventeenth and Eighteenth Century Periodical. In: **Devant Le Deluge and Other Essays on Early Modern Scientific Communication**. Lanham, MD: Scarecrow Press, 2004.

LAGE, M.O.P. **História(s), cultura(s) e património(s)**. Informação, documentos e fontes: rupturas e encadeamentos. Abordar o Património Documental: Territórios, Práticas e Desafios. Guimarães: Coleção Cadernos NEPS 4. ICS/Uminho, 2002.

LIMA, Maria Érica de Oliveira et al. Revista Brasil. Almanaque de cultura popular e Folkcomunicação. In: **RIF**, Ponta Grossa, PR, V.11, Nº 24, p. 96-108, 2013.

LOSEV, Al. Astronomy or Astrology: a brief history of an apparent confusion. in Journal of Astronomical History and Heritage, 15(1), p. 42-46, 2012.

MARTINS, Moisés de Lemos; CABECINHAS, Rosa; MACEDO, L.; MACEDO, I. (orgs.) Interfaces da Lusofonia: nota introdutória. In: **Interfaces da Lusofonia**. CECS, Universidade do Minho, 2014.

MARQUES DE MELO, J. Taxionomia da Folkcomunicação: gêneros, formatos e tipos. In: **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro INTERCOM/UERJ**, Rio de Janeiro, 6 a 9 setembro, 2005.

ALVES MELO, Rosilene. Almanques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas. In: **Revista IEB**, 52, set./mar. 2011, p.107-122, 2011.

PALMER, M. **Tung Shu: The Ancient Chinese Almanac**. Boston: Shambhala Publications, 1986.

QUEIRÓS, Eça de. Almanaque Encyclopédico, Lisboa, Livraria Antonio Maria Pereira, 1896. In: ANASTÁCIO, V. **Almanaques. Origem, gêneros, produção feminina**. Santiago de Compostela, Veredas, 18, p. 53-74, 2012.

SPERO, P. The revolution in popular publications: The Almanac and New England Primer, 1750-1800. In: **Early American Studies: An Interdisciplinary Journal**, Volume 8, Number 1, p. 41-74, Winter 2010.

SCHUCKING, L.L. **The Sociology of Literary Taste**. London: Routledge and Kegan Paul, 1966.

SUASSUNA, A. **Almanaque Armorial**. RJ: José Olympio, 2008.

**Artigo recebido em:** 12/05/2017

**Aceito em:** 10/06/2017